

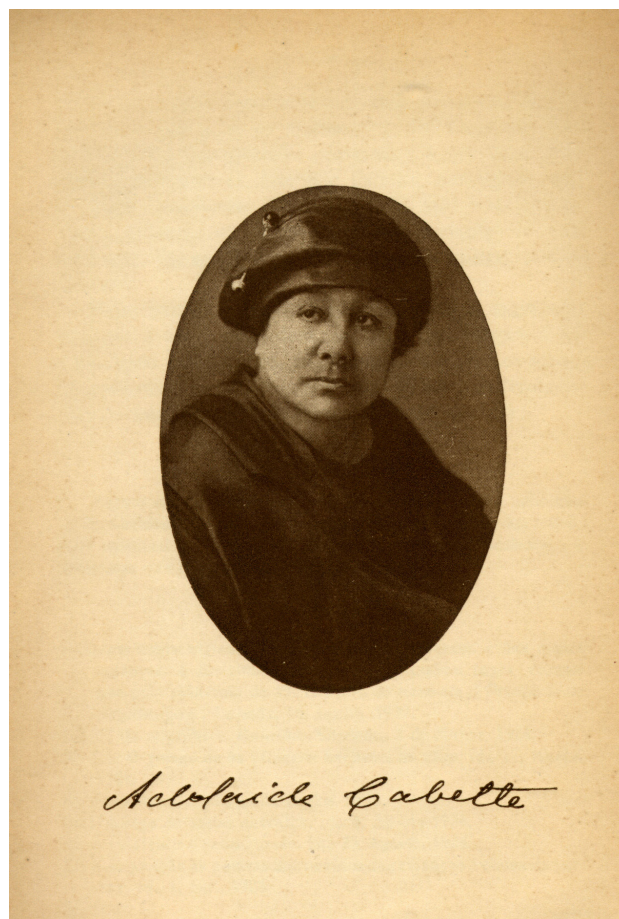
## Resumo

A partir do suplemento semanal ‘literário e ilustrado’ do jornal *A Batalha* (1919-1927), foram seleccionados os textos que Adelaide Cabete<sup>1</sup>, Presidente do CNMP (Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas), fez sair a partir 3 de Dezembro de 1923, naquele que chegou a ser o segundo periódico de maior tiragem no nosso país, assinando, Adelaide Cabete médica. As batalhas que travou na vida foram muitas, assim como profícua foi a sua intervenção e empenhada a sua luta. Contudo, em que medida os textos que insere neste suplemento testemunham o pioneirismo por que foi (e é) motivo de orgulho para tantas mulheres? Da sua leitura decorre uma necessária reflexão em torno de variados conceitos, de entre eles o de higienismo. Que ideias quis partilhar sobre a saúde e educação para o universo feminino? O seu apego à protecção das mulheres grávidas pobres, anunciado desde cedo (1900) não deixa de se manter constante. Detalhes de uma vida a revisitar!

Palavras-chave: Adelaide Cabete, estudos sobre as mulheres, higienismo, saúde, educação.

---

<sup>1</sup> V. LOUSADA, Isabel. 2009. *Adelaide Cabete (1867-1935)*. Fio de Ariana 6. Lisboa. CIG. [No prelo]



Quatro anos após a publicação do primeiro número do jornal *A Batalha*, editado em Lisboa, entre 1919 e 1927, vem à luz a 3 de Dez de 1923 o seu suplemento semanal, literário e ilustrado, acompanhando a edição daquele que viria a ser o segundo jornal de maior tiragem do nosso país, à época. Este suplemento saía à segunda-feira, substituindo a publicação do diário – dado que ao domingo não se trabalhava naquela redacção. Este diário era o órgão da CGT (Comissão Geral de Trabalhadores) e na sua génese assistiram os princípios de defesa da sua classe. De orientação anarco-sindicalista, foi respeitado muito para além das balizas ideológicas por elas subscritas.

Não sendo este jornal o objecto da minha apresentação, a ele sumariamente recorro para mostrar a pluralidade, desde logo, na actuação de Adelaide Cabete, que clama uma releitura do seu percurso em busca da essência do feminismo nesta médica – que em 1900 foi a terceira mulher a licenciar-se em medicina em Portugal.

Desde logo se afigura pertinente referir que o primeiro texto assinado por Cabete no Suplemento é de 18 de Fevereiro de 1924, na secção "Palestras sobre Higiene", que passou a ocupar em números seguintes. Segue-se-lhe, a 25 de Fevereiro um primeiro

texto sobre "O álcool e os seus derivados", um dos temas que mais a interessou. Explicita o uso dos termos que emprega:

“Por alcoolismo devemos entender um envenenamento crónico pelo uso habitual do álcool sem que seja necessário produzir-se a embriaguez. O vício do álcool é o pior e o mais perigoso que o homem pode adquirir. Arrasta-o á mais baixa degradação moral, e constitue um verdadeiro flagelo da humanidade.

O maior perigo do alcoolismo não está só nos estragos que produz no indivíduo – oxalá se limita-se a isso, - mas sim na transmissão á sua prole de condições várias de receptividade de doenças físicas e morais, do próprio vício.”<sup>2</sup>

Aliás a luta anti-alcoólica servirá de mote para palestras relacionadas com o combate à prostituição em que se envolve de modo particular estando mesmo vinculada à Liga Abolicionista e à organização dos congressos por ela promovidos, nomeadamente em 1925 e 1929.

Utilizando dois formatos distintos, nos textos que subscreve, emerge também a consciência de leitores distintos. Assim, a linguagem elaborada acompanha os textos de divulgação para um público adulto mais culto, capaz de apreciar a documentação que sustenta as suas prelecções científicas. Aliás, essa mesma preocupação é veiculada por Nogueira de Brito num texto editado no mesmo número:

"a CGT não cumprirá sómente a sua missão na simples fiscalisação do seu movimento confederal ou no funcionamento pontual das suas células [...] a CGT não pode ficar por aqui na sua função educativa. Deve promover conferências que comentem e documentem problemas artísticos e científicos não as limitando a ramos especiais do saber humano. [...] este programa de instrução deveria ter um carácter irradiativo pelos sindicatos, que assim proporcionariam aos seus agremiados condições de cultura espiritual e chamariam a sua atenção para tudo o que neste campo interesse á vida moderna. As conferências mais palpitantes, seriam vertidas em opúsculos que constituiriam um excelente meio de propaganda e uma apreciavel fonte de receita, para

---

<sup>2</sup> Cabete, Adelaide (1924), *A Batalha, Suplemento Literário*, n.º 13, Lisboa, 25 de Fevereiro, p. 5.

o que aproveitaria o tipo que entrasse na composição da notícia, tanto quanto possível completa, a dar para *A Batalha*." <sup>3</sup>

Em contrapartida, a mesma temática é abordada sob a forma de diálogo entre mãe e filha nas palestras sobre higiene, promovendo o combate à ignorância generalizada sobre assuntos tão urgentes quanto os da proliferação de doenças contagiosas pela falta de práticas de higiene adequadas.

Adelaide Cabete revela, deste modo, o seu precoce empenho na defesa dos direitos da criança – que, neste mesmo ano (1924), foram aprovados pela Sociedade das Nações em forma de carta, em Génève. Esta ruptura de paradigma levará a grandes alterações na forma como a criança e os temas com ela relacionados são tratados.

Deixando de ser vista como um indivíduo em ponto pequeno, mas com especificidades a atender, a criança será alvo de grande interesse por Instituições e Organizações das quais se releva o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (1914-1947), liderado por Adelaide Cabete, até à sua morte, em 14 de Setembro de 1935. Sabendo que o CNMP integrava um grande número de mulheres cuja profissão era a docência tal facto não representará um acaso.

Toda uma série de movimentações foram sendo registadas ao longo dos anos no sentido de desenvolver mecanismos de apoio à criança e de modo pioneiro em Portugal.

“No estrangeiro não há ainda o ensino da puericultura na escola infantil, executa-se sim, mas sómente como exercício e como parte recreativa e não como parte pedagógica, pelo menos, não a vi na America do Norte nem na Belgica onde estas escolas são consideradas como modelos Mas eu apresento esta ideia como tese.

E que ensinamentos uma criança dos 5 aos 7 anos pode adquirir brincando com as bonecas, com as suas colegas e com a sua professora!

Desta maneira, as pequenitas nunca mais esquecerão o que aprenderam e levam até para as suas casas estes conhecimentos úteis, coisas estas que as proprias mães muitas vezes ignoram.

Uma criança de 5 a 7 anos aprender a lavar um bebé (representado por uma boneca de celeloide ou de borracha) tendo, já se sabe, o material didatico adquado. Ficam assim sabendo que a agua não deve ir além de 36 graus para não suceder como

---

<sup>3</sup> Brito, Nogueira de (1924), *A Batalha*, *Suplemento Literário*, n.º 13, Lisboa, 25 de Fevereiro, p. 2, col. 1-2.

relatam os meus colegas Vigne e Gardere que uma mãe tirou do banho uma filhinha a pelar-se só por não ter o costume de pôr a mão dentro de agua para notar a temperatura, já que não tinha o respectivo termometro. Pode aprender a maneira como há-de pegar no bebé e no algodão e quais as partes do corpinho que deve lavar primeiro, o cuidado que deve haver ao lavar a parte superior da cabeça onde os ossos não estão ainda unidos e que apesar de tudo, e embora com cautela, se deve lavar para não se formar a *moleirinha* que só resulta da falta de higiene por as mães não quererem lavar essa região.”<sup>4</sup>.

Contudo estes passos tiveram um acompanhamento desigual pelos diversos sectores sociais do nosso país. A lucidez de Cabete a par de uma ironia ímpar fê-la constatar:

“É que o povo português para receber uma ideia progressiva, bela e civilisadora precisa que lhe digam ter vindo do *estrangeiro*. É preciso que ela passe pelo tunel do Rocio ou que desembarque no Terreiro do Paço. Iniciativas portuguesas, só aceitam a dos descobrimentos marítimos, e parece que cristalisaram neste belo gesto. Fôra desta gigantesca empresa, falando-se de qualquer outra, a resposta é sempre dizendo que não está ainda aceite lá fora e, como é que Portugal quer essa primasia?!!”<sup>5</sup>

Se mais não fosse bastaria relembrar as palavras de Fernando da Silva Correia (higienista e publicista contemporâneo da médica), recolhidas da conferência intitulada "Alguns Aspectos do Problema da Protecção à Infância em Portugal" proferida em 19 de Outubro de 1930: "Portugal possui uma das mais notáveis legislações de protecção à infância de todo o mundo. Entretanto a maior parte dos portugueses desconhece-a, e,

---

<sup>4</sup> Cabete, Adelaide (1928) “O ensino da puericultura na escola infantil” In *Alma Feminina*, Teses apresentadas ao Segundo Congresso Feminista Português, Ano XII (XIV), Março e Abril de 1928, pp. 11-12.

<sup>5</sup> Cabete, Adelaide (1928) “O ensino da puericultura na escola infantil”, in *Tese apresentada ao 2.º Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar, p.11.

sendo dos mais honrosos títulos de glória para o regime republicano, essa legislação é ignorada e inapreciada pela maioria dos partidários do regime" <sup>6</sup>

Adelaide Cabete notou estes aspectos muito em particular, e cedo. Logo ao participar no estrangeiro, no congresso realizado em Gand, como fez questão de salientar:

“O ensino da puericultura há 15 anos que foi introduzido no Instituto Feminino de Educação e Trabalho (Odivelas) mesmo ainda muito antes dêle estar indicado nos programas oficiais. E’ notável vêr o interesse com que as minhas alunas me contam na aula tudo que encontram no bebé que elas, no proprio Instituto, tratam e assistem. Já em 1913, num modesto trabalho que enviei ao Congresso Internacional de Ocupações Domésticas que se efectuou em Gand (Belgica) focava que estas alunas eram de solicitude tal que excediam a de muitas mães. Já não se pôde dizer, pelo que acima fica exposto, que Portugal tenha descurado este assunto.”

Ou na tese que apresenta diante do 2.º congresso feminista e de educação, em 1928<sup>7</sup> na qualidade de médica escolar:

“Poderá parecer á primeira vista que o estudo da puericultura na escola infantil, viria acarretar grandes dispendios. Nenhuma medida mais económica podia beneficiar a humanidade do que esta. Quanto a pessoal, temos professoras especializadas para o curso maternal e infantil que podem rivalizar com as que existem no estrangeiro. Posso afirma-lo com conhecimento de causa.”

A exposição dos mais variados temas ligados à puericultura revela contornos de profunda preocupação para com as camadas mais desfavorecidas da população, por parte de quem tinha, desde a mais tenra idade, passado privações. Nascida no Alentejo, no seio de uma família humilde, quase paradoxalmente, haveria de ser o casamento a proporcionar o acesso à alfabetização, ao conhecimento e à ciência.

---

<sup>6</sup> In *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, 1ª Série, Porto, Imprensa Portuguesa, 1933, p. 226.

<sup>7</sup> Cabete, Adelaide (1928) “O ensino da puericultura na escola infantil”, in *Tese apresentada ao 2.º Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar.

Foram etapas bem conseguidas num curto espaço de tempo, entre os 18 e os 33 anos passou do analfabetismo (a que estavam votadas a vastíssima maioria das mulheres portuguesas – refira-se que, em 1900, ano em que conclui a sua licenciatura, a taxa de analfabetismo rondava os 98%) a uma minoria culta, no exercício de uma actividade invulgar entre mulheres.

Neste aspecto gostaria de ressaltar o facto de que, ao contrário do que se verificava com as suas pares de lutas pela emancipação das mulheres, Adelaide Cabete era a única a não ter tido berço ao passo que as outras feministas, que a história das mulheres tem permitido trazer ao nosso conhecimento, Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo, para só nomear duas das suas principais pares eram “bem nascidas”.

A sua vida espelhou a capacidade de empreender batalhas em prol de outros. Os seus irmãos foram por si apoiados, tendo chegado a estar juntos, para além da médica, sua irmã, a dentista Maria Brasão e seu sobrinho, filho de Jerónimo, Arnaldo, advogado, com consultório no mesmo prédio, conforme o atestam anúncios insertos na *Alma Feminina*, o órgão do CNMP (Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas).

Médica Obstetra e Ginecologista, teve por mestre para a cadeira com título idêntico Alfredo da Costa, Professor de Medicina e investigador para estas temáticas. O tema escolhido para dissertação dizia respeito às mulheres grávidas e em particular às mulheres pobres, de onde se releva o facto de a debilidade dos filhos ser diametralmente proporcional à deficiente alimentação, e sobretudo à falta de descanso da mãe.

A si se devem inúmeras batalhas, das quais salientamos as que pugnavam pela defesa das condições materno-infantis e pela legislação em torno da maternidade. É evidente o esforço em advogar pelas mulheres mais desfavorecidas para quem preconiza a licença pré-parto. A relação entre o peso dos recém-nascidos e a taxa de sobrevivência foram variáveis por si estudadas.

Hoje, temos comprovada esta relação com o maior peso do feto, sobretudo ganho nas últimas semanas do período de gestação. Por sua vontade as mães trabalhadoras com menos recursos deveriam ter sustento assegurado no termo da sua gravidez de modo a obviar os danos provenientes dos aspectos atrás mencionados. À época os registos eram ainda poucos, mas as conclusões sérias. A mulher cujas condições materno-infantis eram desfavoráveis concorriam para uma elevada taxa de mortalidade infantil.

Os dados referidos por Adelaide Cabete eram também secundados nos textos do Professor Costa-Sacadura, uma autoridade para estas questões no nosso país, preocupado também com a renovação das gerações. Nas suas palavras<sup>8</sup>:

“Em 1924 apresentei eu na mesma Sociedade [Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa] números estatísticos que me levaram a afirmar:

A nossa natalidade decresce;

A nossa mortalidade aumenta;

A taxa de nupcialidade diminui;

A nossa raça definha.

Acrescentei ainda nessa ocasião: “E entre as numerosas causas dêste decrescimento e dêste definhamento, não podemos deixar de considerar, como factor primordial, a prática das teorias neomaltusianas, aconselhando a profilaxia anticoncepcional e o aborto criminoso livremente praticado.”

A actualização destes números, tanto quanto o permite o lamentável atraso da publicação das nossas estatísticas, menciona, comprovam o que afirmara.

Estas razões são também invocadas por Adelaide Cabete ao fazer a apologia da amamentação materna em detrimento da artificial ou da mercenária. Para além de questões de outra ordem, aprofundadas em estudo a apresentar ulteriormente, retoma aspectos que soam familiares lembrando Rousseau, em particular o trecho de *Émile ou de L'Éducation*, em seguida transcrito, transportando-nos para o século XVIII<sup>9</sup>:

“Le devoir des femmes n'est pas douteux: mais on dispute si, dans le mépris qu'elles en font, il est égal pour les enfants d'être nourris de leur lait ou d'un autre. [...]”

Mais la question doit-elle s'envisager seulement par le côté physique? Et l'enfant a-t-il moins besoin des soins d'une mère que de sa mamelle? D'autres femmes, des bêtes mêmes, pourront lui donner le lait qu'elle lui refuse: la sollicitude maternelle ne se supplée point. Celle qui nourrit l'enfant d'une autre au lieu du sien est une mauvaise mère: comment sera-t-elle une bonne nourrice? Elle pourra le devenir, mais

---

<sup>8</sup> Costa-Sacadura, (1933) “Considerações sobre o aborto criminoso em Portugal” in *Conferências da Liga Portuguesa de Profilaxia Social*, Porto, Imp. Portuguesa, p. 11.

<sup>9</sup> A este propósito veja-se ainda, Lousada, Isabel, (2009) “Adelaide Cabete: entre a Eugénia e a Eugénica na defesa da *Respublica*”, *Livro de Homenagem Filipe Furtado*, Editora Caleidoscópio, Lisboa.



lentement; il faudra que l'habitude change la nature: et l'enfant mal soigné aura le temps de périr cent fois avant que sa nourrice ait pris pour lui une tendresse de mère.”<sup>10</sup>

Mas voltando à questão central do nosso estudo, da pesquisa feita ao longo do Suplemento *A Batalha*, que textos foram assinados e em que altura, por Adelaide Cabete, é a pergunta a que começamos por responder.

São, ao todo 21 artigos, compreendendo dois anos de publicação, 18 de Fevereiro de 1924 a 16 de Novembro de 1925 publicados entre os números 12 e 103. Destes, 14 dizem respeito à Secção “Palestras sobre Higiene”; 5 são relativos à batalha que trava contra o alcoolismo, um dos quais escrito como diálogo entre mãe e filha. Neste mesmo formato são redigidos o texto referente às touradas e o texto sobre os Animatógrafos. Em seguida enumero, pela sua dificuldade de acesso<sup>11</sup>, os títulos dos seus artigos, na íntegra:

Secção “Palestras sobre Higiene”:

O organismo humano, n.º 12

Os micróbios, n.º 14

Os perigos das crianças beijarem os cães, n.º 16

Água fervida, n.º 30

O perigo de andar descalço, n.º 36

Calvície e o reumatismo, n.º 39

A exposição às poeiras dos ouvidos das crianças é causa de surdez, n.º 40

O perigo das frutas verdes e das mais maduras, n.º 43

O ar, n.º 44

A circulação do sangue, n.º 56

A respiração, n.º 59

O gás carbónico e os engomados, n.º 69

Digestão, n.º 87

Função dos glóbulos do sangue, n.º 103.

Textos relativos à Luta travada contra o Alcoolismo:

O Alcool e os seus derivados, n.º 13

O Alcool não estimula nem alimenta; mata!, n.º 15

---

<sup>10</sup> Rousseau, Jean-Jacques (1971) “Émile ou de L’Éducation “ in *Oeuvres Complètes*, Paris, Éd Seuil, p. 25.

<sup>11</sup> Microfilmes da BNP nem sempre com a qualidade desejável.

A acção nefasta do alcool no organismo, n.º 18

A luta anti-alcoolica, n.º 23 e n.º 24

A embriaguez: Diálogo entre mãe e filha, n.º 53

As Touradas: Diálogo entre mãe e filha, n.º 47

Os Animatógrafos: Diálogo entre mãe e filha, n.º 65

Poder-se-á perguntar então, o que distingue o pensamento de Adelaide Cabete entre o que faz sair no suplemento de *A Batalha* e os outros, inúmeros periódicos em que colaborou? Os assuntos são basicamente comuns e na sua grande maioria repetem-se. Tal facto fica a dever-se a um grande empenho que se manifesta constante e coerente, que não abandonará nunca, dado que as preocupações de ordem científico-social subjazem a toda a sua actividade, e o quadro de circunstâncias não muda repentinamente. Também em *Alma Feminina* deixa claro serem estas temáticas as dilectas e na “Agenda” desta publicação, que dirige ao longo de duas décadas.

No entanto, importa reflectir acerca da sua capacidade de luta e intervenção pela escrita destes artigos. Em especial quando se reporta à luta anti-alcoólica a sua atenção está dirigida para fazer passar a mensagem em torno da questão, no plano científico, não deixando nunca de atender ao plano social. A título de exemplo, refira-se que sonda as medidas e reformas sociais adequadas ao ajustado combate a este flagelo humano.

A própria ilustração que acompanha os artigos revela cabalmente a extensão do problema. Numa imagem cuja dramaticidade é explícita pode ver-se um homem embriagado, jazendo no chão tentando soerguer-se e à distância uma figura de mulher com um filho no colo e outro encostado às suas pernas, atrás de uma porta, encondendo-se, onde os semblantes de medo são a moldura de enquadramento. (V. n.º 13 “o homem bebado por André Gill”)<sup>12</sup>.

Nas palestras sobre higiene o constante interrogar da filha à mãe leva a explorar de um modo pedagogicamente louvável as questões tão candentes quanto a da disseminação de doenças no quadro do contágio em que os micróbios são os principais obreiros.

Registe-se que uma das principais causas de morte infantil advinha de gastroenterites, infecções graves tais como pneumonias, tosse convulsa ou tuberculose e, a célebre, pelas piores razões, “pneumónica”:

---

<sup>12</sup> *A Batalha, Suplemento Literário*, Ano I, n.º 13, 25 de Fevereiro de 1924, p.5.

“P- A mãe está sempre a falar-me de micróbios e eu sem saber o que isso é. O que é um micróbio? R- é um ser tão pequeno que só o podemos ver com uma lente, isto é um vidro de aumentar ...”. P- Como é que nos podemos livrar deles, se estão em toda a parte? R- fazendo toda a diligência de termos o mássimo asseio no nosso corpo como em tudo o que nos rodeia”.

A tónica tendente a eliminar o contágio foi-se acentuando notoriamente ao longo da sua carreira. Também noutros textos condena a falta de cuidado das mães face à contaminação de terceiros por descuido dessas incautas acções como a de transportar crianças doentes em transportes públicos, nomeadamente o eléctrico. Pela tosse muitas das doenças infantis acima lembradas proliferavam, ao invés de ficarem restritas a um número facilmente controlável e de fácil erradicação atendendo às condições higiénico-sanitárias adequadas.

Não será caso para evocar os quadros que traduzem precisamente hoje em dia a mensagem nas unidades hospitalares, quanto à transmissão por exemplo, de vírus gripais? A preocupação é precisamente a mesma. Nesses somos alertados para a necessidade de repetir actos e gestos tão simples como lavar frequentemente as mãos. O mesmo acontecia com os textos escritos por Adelaide Cabete, em termos muito simples, por vezes, mas que pugnavam pela emergência de medidas de higiene consentâneas com a demanda sanitária urbana emergente.

Não deixo de estabelecer uma comparação que peca por trivial mas que chama a minha atenção. Sabendo que as taxas de analfabetismo eram tão elevadas, sabendo que os jornais à época circulavam por muitas mãos para além do exemplar vendido, não seria missão de quem nele escrevia esta função de educar que perpassava os próprios objectivos do anarco-sindicalismo na vertente de exercício de cidadania de quem colabora com os seus órgãos? <sup>13</sup> É justamente a este aspecto que deve relevar a natureza de publicista – epíteto tão frequentemente aplicado às feministas desta época.

Os textos editados em publicações periódicas serviam de “ilustração” às camadas mais pobres, muitas vezes, lidos em tabernas por e para muitos. Por outro lado, quem eram os educadores? Quem educava? Nas classes mais abastadas eram as

---

<sup>13</sup> Atente-se no estudo de António Candeias sobre a Escola/Oficina n.º 1 – de modelo Anarquista. Nela ensinou Deolinda Lopes, mulher de Pinto Quartim – redactor principal de *A Batalha*, ela própria iniciada na Maçonaria – proposta por Adelaide Cabete, na loja humanidade. V. loja 776. Direito Humano.

mulheres? Ou, eram os preceptores. As “mademoiselles”? Quando se pretendia remeter exclusivamente a mulher para o foro doméstico era unicamente para que providenciassem e assegurassem a educação da sua descendência? Ou estamos perante um sofisma?

Mesmo no movimento anarco-sindicalista se promove um inquérito, do mesmo modo que noutros espaços, interrogando-se os sindicalistas acerca da importância do ingresso feminino no mundo do trabalho. Eram tempos difíceis estes do início do século XX para as mulheres, sobretudo as operárias, as mais pobres. Consciente de que esta era uma das questões candentes da sua época, “Alma Humana”, que não “alma de mulher”, esse facto terá permitido em minha opinião a Adelaide Cabete viver, como tantos outros, idiossincrasias difíceis de aceitar por feministas radicais. Assim, assumo a leitura que faz da amamentação ou aborto, por exemplo.

Médica antes de ser feminista, entende as batalhas a que não quis furtar-se ampliando para tal o seu horizonte de expectativas, abraçando todo o terreno a que pudesse chegar. Aquela que não deu nunca à luz, afirma com toda a propriedade “Para ser mãe, não basta sê-lo, é preciso saber sê-lo!”<sup>14</sup> Designada por quem desenha a sua biografia mãe adoptiva de seu sobrinho Arnaldo Brasão, célebre jurisconsulto da nossa praça, encontra-se desde sempre na defesa das condições materno-infantis dos mais desfavorecidos.

Não encontra pano de fundo para se bater pelo sufrágismo em *A Batalha*, dado o horizonte meramente sociológico deste modo de pensar que tem em linha de conta as circunstâncias da sua participação.

A própria republicana que assumidamente foi Cabete, se sente defraudada, como tantas outras, pela não cedência de voto às mulheres já em plena república. Ela que, como se refere amiúde, bordou também a bandeira a ser hasteada em 5 de Outubro de 1910<sup>15</sup>, haveria de bater-se, em sede própria pelo sufrágismo. Contudo, haveria de dirimir os seus adversários em outros campos ideológicos. Inteligência, sagacidade e empenho não faltaram a esta grande mulher que chegou a ter o prazer de votar em Angola, corria o ano de 1933, exactamente dois anos antes da sua morte.

Em síntese, atente-se no seguinte: o feminismo de Adelaide Cabete radica, em meu entender na sua qualidade de cientista/médica, estatuto que conquistou por mérito,

---

<sup>14</sup> Cabete, Adelaide (1928) “O ensino da puericultura na escola infantil”, in *Tese apresentada ao 2.º Congresso Feminista e de Educação, promovido pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*, Lisboa, Typ. da Cooperativa Militar.

<sup>15</sup> V. Lousada, Isabel, “Em fazenda verde-rubras”, Fundação Mário Soares, Lisboa [No prelo].

e no empenho que colocou ao serviço da missão que encarou como uma verdadeira vocação.

De uma trama de fios se estabeleceu uma teia ... ou teria sido o inverso? – e é por ela - afinal, trama ou teia, que nos reunimos em Congresso, no caso vertente, em torno da alma humana de uma das maiores médicas feministas portuguesas, como penso gostaria de ser lembrada!

Termino partilhando um excerto de João dos Santos retirado de *Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta*:

“Julgo ter aprendido muito com as crianças silenciosas e com os que sabem colocar-se ao seu nível. Alguém disse um dia que via mais longe porque tinha andado aos ombros de gigantes. Pela minha parte direi que tive a sorte de ter andado aos ombros de gigantes para ver o que está longe e de caminhar ao nível dos pequenos para ver melhor aquilo que está perto.”<sup>16</sup>

O mesmo terá sucedido a Cabete. É o que depreendemos das conclusões que apresenta em 1928 na tese<sup>17</sup> que sustenta perante o 2.º Congresso Feminista e da Educação de Lisboa de que foi também promotora ímpar, quer na organização quer na sua incondicional defesa. O seu legado extrapolou os seus escritos, mas deles também muito se pode retirar. Ouçamo-la!

- 1.<sup>a</sup> – Não basta ser mãe é preciso sabê-lo ser.
- 2.<sup>a</sup> – Quanto menor é a ignorância das mães, menor é a mortalidade infantil.
- 3.<sup>a</sup> – A mortalidade infantil diminui com o estudo da puericultura.
- 4.<sup>a</sup> – O estudo da puericultura deve principiar a fazer-se na escola infantil.

Adelaide Cabete  
Médica

---

<sup>16</sup> Santos, João (2007) *Ensinaram-me a ler o mundo à minha volta*, Lisboa, Assírio e Alvim, p.83.

<sup>17</sup> Cabete (1928), *op. Cit.*, conclusões.

Nota Final: Esta comunicação é subsidiada por um leque amplo de trabalhos de origens tão dispersas quanto a dos seus autores, igualmente estruturantes, pois complementares: Joaquim Mário Cortes Eduardo com a tese de mestrado, orientada por Anne Cova, *Adelaide Cabete (1867-1935) uma Professora Feminista* (2004) e a sua comunicação sobre a médica, publicada em *O Longo Caminho das Mulheres* (org. de Lúcia Amâncio) (2007); Célia Rosa Batista Costa com a tese de mestrado *Contributo para a monografia do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Uma Organização Feminista* (2007); Maria Antónia Fiadeiro com *Maria Lamas* (2003); Ana Maria Costa Lopes com *Imagens da Mulher na Imprensa Feminina de Oitocentos. Percursos da Modernidade* (2005); Regina Tavares da Silva com *A Mulher. Bibliografia Portuguesa Anotada (monografias, 1518-1998)* (1999); João Esteves através dos seus vários textos, em particular *Dicionário no Feminino (Séculos XIX-XX)*, *Revista Faces de Eva*, e site da UMAR; António Candeias com *Educar de outra forma – A Escola Oficicina n.º 1 de Lisboa- 1905-1930*, (1994) e ainda a obra de Anne Martina Emonts, “*Onde há galo não canta galinha*” *Discursos Femininos, feministas e transgressivos nos anos vinte em Portugal. O Caso do Suplemento Literário e Ilustrado de A Batalha (1923-1927)*, Lisboa ONG-CD-CIDM, 2001.